

A portrait of Vilma Fuentes, a woman with dark, wavy hair, wearing a light blue blazer over a white top. She is smiling and looking slightly to the right. The portrait is framed by a large, semi-transparent purple circle. The background is a blurred office setting.

Entrevista

VILMA FUENTES

OS DOCENTES PRECISAM SE
CONECTAR COM OS ESTUDANTES

OS DOCENTES PRECISAM SE CONECTAR COM OS ESTUDANTES

ENTREVISTA COM VILMA FUENTES¹

POR

Scheyla Joanne Horst

Manuela Pires Weissböck Eckstein

Maria Aparecida Crissi Knuppel

A professora Vilma Elisa Fuentes, do Santa Fe College, localizado na Flórida (EUA), aponta a internacionalização como uma inovação importante na educação. De acordo com ela, os alunos devem ser preparados para um mundo cada vez mais globalizado. Por outro lado, os professores precisam ser capacitados para introduzir temas que dizem respeito ao local e também ao global em sala de aula, fazendo contato com realidades externas, refletindo sobre problemas em conjunto e atendendo as demandas de uma geração informada e ansiosa por novas experiências.

Aproximação: Como avalia as alterações na educação superior nos Estados Unidos?

Vilma: O sistema de educação superior mudou muito, imagino que tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, e em outras partes do mundo. Quando eu era criança, e até mesmo quando eu era estudante universitária, ia a aulas em que os professores nos instruíam de uma maneira muito passiva. Nós copiávamos o que era passado. Líamos muito. Hoje em dia, os jovens que vêm a nós têm outras expectativas, outras competências e estão todos conectados digitalmente ao mundo de uma maneira como nunca ocorreu antes. Estão acostumados a buscar informações por si próprios utilizando Google, Wikipédia, YouTube, etc. Eles sabem coisas que estão acontecendo em outras partes do mundo. Eles não querem se sentar quietos em uma aula por uma ou duas horas para esperar que um professor lhes explique algo que talvez eles já saibam. Querem conhecimento rápido e querem se relacionar com esse conhecimento e, talvez, ser parte da produção de novos tipos de conhecimento.

O que é esperado do docente nesse novo cenário?

Hoje em dia eu diria que todas - ou a maioria das universidades ou instituições de ensino superior dos Estados Unidos - esperam que os docentes saibam algo mais do que simplesmente a disciplina que ministram. Um químico, um matemático, um engenheiro sabem muito de suas áreas, foram capacitados em suas profissões, mas muitos deles, quem sabe, se graduam com um mestrado, doutorado e talvez não sabem sobre métodos pedagógicos. Não sabem, pois nunca lhes foi ensinado como se conectar com os estudantes, como integrar atividades ativas para se assegurar de que os alunos não estão desanimados. Em nossa instituição é obrigatório que os professores participem de todo tipo de desenvolvimento profissional, por exemplo: aproximadamente 20% dos cursos

¹ Entrevista cedida para as discussões relativas ao 1º Simpósio Nacional sobre Metodologias Ativas e realizada durante o 2º Simpósio Internacional de Inovação em Educação Superior, em Florianópolis (SC)/2019.

que nós oferecemos em Santa Fe College, hoje em dia, são online. De uma maneira virtual. Totalmente, 100% virtuais. Afinal, para que um professor seja autor de um curso online, primeiro ele tem que passar por uma capacitação em como fazer cursos online, como utilizar essa tecnologia de uma forma ativa, de tal maneira que um estudante não receba um tipo de educação que seja diferente ou menor que um aluno receberia em uma aula presencial.

Nesse contexto, o que dizer sobre as mudanças nas metodologias de ensino?

Estamos vendo que alguns dos métodos tradicionais usados para ensinar foram modificados. A minha expectativa de um docente quando eu tinha 18 anos era muito diferente da expectativa que as minhas filhas têm hoje em dia. Minhas filhas, hoje em dia, utilizam tecnologia todo o dia, desde o momento em que abrem os olhos até o momento em que fecham os olhos. A tecnologia é parte integral das suas vidas, de tal maneira que podem deixar a carteira em casa, mas não podem sair de casa sem um aparelho celular pelo qual estão totalmente conectadas ao resto do mundo. E se vou ser sincera, me encontro na mesma situação. Eu também mudei. Quando eu era criança, tinha enciclopédias. E se eu queria saber algo, eu procurava no índice e lia. Hoje em dia isso já não basta. E nem sequer tenho que saber um idioma, eu pelo menos falo espanhol e inglês. E eu falo um pouco português. Não muito. E também um pouco de ucraniano, por que não? Como aprendi tudo isso? Sozinha, não fui a uma aula para aprender ucraniano. Eu apenas decidi que queria aprender para me comunicar com amigos de universidades da Ucrânia. Baixei um aplicativo e, sozinha, fiz cursos. Então, por que, se uma criança decide “quero estudar inglês, quero estudar francês, quero estudar japonês”, por que vão vir à universidade? O que nós vamos lhes dar que não podem encontrar em um “Duolingo”, ou outro aplicativo como esse que, no smartphone, eles podem utilizar em qualquer momento, 15 minutos agora, 15 minutos depois? O que estamos fazendo de diferente? Tem de ser diferente e não podemos usar uma metodologia pedagógica que simplesmente lhes dê muitas leituras, uma apresentação e pronto. Memorizem o que lhes disse. Isso já não basta, não é suficiente.

Percebe uma nova perspectiva em sua trajetória docente?

Eu também estou aprendendo, aprendendo através dos meus filhos, dos meus alunos, que a maneira como eu fui ensinada tem que mudar. Eu fui uma das pessoas que, quando era parte do corpo docente, dando aulas universitárias, nunca quis cursos online, nunca quis oferecer cursos virtuais. Eu pensava, no início, que isso não era uma educação verdadeira. Que era uma educação inferior à que era dada aos jovens e por que comecei a dar? Francamente, porque fiquei grávida e ia dar à luz a uma criança e pensei: “bem, se fico em casa com meu bebê ainda posso dar aulas”. Isso demandou que eu aprendesse novas metodologias, novas tecnologias e cheguei a pensar que eu tinha estudantes em meu curso virtual, um que estava no hospital, outra que tinha uma bebê pequena, outro que era militar e de tempos em tempos lhe mandavam a outros lugares, e pensei que eles eram estudantes que sem a tecnologia

virtual não poderiam ter sido meus alunos. Não teriam completado um curso, simplesmente ficariam sem acesso a uma licenciatura. Assim, a cada passo é reconhecido o quão útil a tecnologia é, mas também é necessário ser muito mais humilde e reconhecer que eu necessito me educar sobre essas tecnologias e como as utilizar.

O docente precisa se desafiar a conhecer novas práticas?

Tenho que aprender como fazer aulas invertidas, como utilizar métodos mais ativos, como usar aprendizagem baseada em problemas, de maneira a oferecer aos estudantes um problema, às vezes um projeto para ver como vamos resolver esse problema e aplicar os conhecimentos que foram recebidos por meio de um livro, um curso, uma palestra e aplicar as soluções que são apresentadas. E se vamos ser sinceros, isto é o que todos nós, como seres humanos, vamos ter de fazer em um futuro. É dizer que me graduar em um título já não basta. Eu sou cientista política. Tenho um doutorado em Ciência Política, mas as coisas que faço no dia a dia não são necessariamente as que eu aprendi. Meu trabalho administrativo exigiu que eu aprendesse novas tecnologias que nunca ninguém me ensinou. Ninguém me ensinou como usar Power Point, ninguém me ensinou como usar Excel, algo tão simples como isso, quando eu fui estudante universitária. Mas utilizo essas ferramentas todos os dias. Dos nossos estudantes vai ser requerido muito mais, vão ter de ter uma mente mais aberta, um pensamento interdisciplinar.

Em sua perspectiva, qual é uma inovação interessante para ser usada em sala de aula?

Eu acredito que uma das inovações mais importantes que nós temos hoje em dia com respeito à educação é a internacionalização. Nós não podemos nos dar o luxo de falar aos nossos estudantes simplesmente sobre a realidade cotidiana que nós vivemos em nosso entorno, em nossa cidade, em nosso país. Vivemos em um mundo globalizado. Se neste momento eu ou vocês tirassem os sapatos, a jaqueta, a roupa, a carteira... veríamos que isso foi feito na China, isso na Itália, meu telefone, veja, tem componentes que vêm de diferentes partes do mundo. Hoje, posso receber notícias do que está ocorrendo em Singapura, no Paquistão, no Irã, no México. Temos que preparar nossos estudantes para que tenham uma mente mais globalizada, para que reconheçam como algo que ocorre no Brasil, algo como a Zika, como os incêndios florestais na Amazônia, como essas questões têm implicações que afetam o mundo inteiro e como nós estamos interconectados. Como fazemos isso?

Como preparar os professores para a internacionalização?

É impossível pedir a professores para que internacionalizem suas aulas se eles nunca saíram do seu país. Se eles não falam outros idiomas. Se eles não têm outros conceitos de outros modos de vida senão dos que existem em suas ci-

dades. Então, é preciso inverter a educação e o treinamento dos professores, como se faz isso? Podem lhe dar oficinas, convidar acadêmicos de outros países, mas também é possível, de vez em quando, inverter: mandá-los a outro país para um maior conhecimento. Podemos usar também tecnologias, vídeos que existem no YouTube, TedTalks, etc. São elementos para internacionalizar. Podemos usar metodologias virtuais, por exemplo, em nossas aulas estamos vendo mais e mais professores usando Skype para se conectar com estudantes e docentes em outras partes do mundo para falar sobre Sociologia, Política, Idiomas. Como falam com personagens de outras partes do mundo, adotam outra perspectiva, vou dar um exemplo: há alguns anos eu estava dando um curso de Relações Internacionais e eu conectei minha aula com uma aula na Suécia. E tínhamos uma série de perguntas. Conectamos um estudante norte-americano com um estudante sueco para que falassem sobre essas questões. Uma das perguntas era: “quantos anos tinha quando você se deu conta de que existia a ONU, Organização das Nações Unidas?”. Nos Estados Unidos, tristemente, nós temos estudantes que estão no segundo grau, às vezes na universidade, e se perguntam: o que é a ONU? Qual é o propósito? Não são ensinados sobre isso. Na Suécia, desde pequenos, eles sabem. Desde o primário. Há uma ética essencial da ONU, da diplomacia, de relações multilaterais, e são ensinados desde crianças que têm que apoiar esse tipo de processo. Sendo assim, não nos deve ser surpreendente que a Suécia seja o país que mais apoia as iniciativas das Nações Unidas. Todavia, nos EUA, sempre há um sentimento que investimos dinheiro na ONU sem lucro, pois não nos dá nada... Tudo começa desde a sua raiz. Tudo começa pela educação. É crítico que adotemos novas perspectivas. Só de permitir que um estudante norte-americano e um estudante sueco possam conversar sobre ONU, globalização, Brexit, do que quer que seja, já se promove que as pessoas tenham novas ideias, que comecem a mudar e ter formação. E quando custa ter um intercâmbio virtual como esse? Não custa nada. Custa tempo. Custa tempo que um professor tem de investir em se comunicar com um docente do outro país, planejar o currículo, ver onde as ementas se conectam e então conectar os estudantes. Só custa tempo e planejamento.

Como se conectar com os jovens?

Em resumo da minha fala, o que eu quis dizer é que temos que investir nos membros dos corpos docentes e o desenvolvimento profissional não pode ser algo que eles possam decidir ou não fazer. Deveria ser um requisito, uma exigência, pois no século 21 estamos recebendo outro tipo de estudante e vem uma onda maior que chegará ainda mais preparada com ferramentas tecnológicas e conhecimentos internacionais e nós temos que estar preparados para nos encontrarmos com esses jovens. Não queremos que eles entrem em nossas aulas e nos achem chatos, nem que pensem que somos dinossauros, nem que eles prefiram estar em casa vendo YouTube. Temos que nos conectar e ver onde estão esses jovens e encontrar a maneira de despertar a curiosidade deles para que queiram vir à aula no dia seguinte.